



**Contra a parede +
Menos emergências**
[Face to the Wall, 2002
Fewer Emergencies, 2001]

de Martin Crimp

Tradução | **Paulo Eduardo Carvalho**

Encenação | **João Cardoso**
Cenografia | **Sissa Afonso**
Figurinos | **Bernardo Monteiro**
Desenho de luz | **Nuno Meira**
Sonoplastia e música | **Miguel Ângelo**

Interpretação | **Lígia Roque**
Paulo Freixinho
Rosa Quiroga

Coro | **Nuno Aragão e Sissa Afonso**

Vídeo com a participação de | **João Cardoso,**
Jorge Vasques, Pedro Quiroga e Tiago Caria

Construção do cenário | **Américo Castanheira**
Fotografia de cena | **Ana Pereira**
Imagem gráfica | **Fuselog**
Produção executiva | **Ana Moraes**

Porto, 27 a 30 Dezembro de 2004
e 2 a 9 Janeiro de 2005
Rivoli Teatro Municipal P.A

Para os espectadores que tiverem visto *(A)tentados*, tanto na primeira produção da ASSÉDIO, em 2000, como na revisitação proposta em 2003, *Contra a parede* e *Menos emergências* poderão dar a aparência de dois fragmentos dramáticos que tivessem sobrado ao autor durante o processo de composição daquela outra peça, originalmente estreada em Inglaterra em 1997. Na realidade, as duas peças breves que integram esta espécie de díptico que agora se propõe apresentam um conjunto expressivo de recorrências formais e temáticas, no percurso criativo do dramaturgo, que valerá a pena sistematizar, como modo também de esclarecer o não menos recorrente fascínio desta companhia pelo universo dramático de Martin Crimp.

O território volta a ser o da violência e da desolação do mundo contemporâneo. O olhar proposto é, mais uma vez, servido por um humor devastador e uma lucidez tão cruel como as realidades representadas ou, mais simplesmente, evocadas. Simultaneamente lúdicas e trágicas, estas duas peças recuperam a exploração desse terreno incerto entre a narração e a representação, apostando novamente na "ausência de personagem" – ou na presentificação dessa ausência – como mecanismo determinante para a construção de uma história: tanto o adulto anónimo convertido em monstro homicida, de *Contra a parede*, como o jovem Bobby que tem o mundo todo nas prateleiras do seu armário, de *Menos emergências*, são muito mais objectos de discursos do que sujeitos de uma qualquer discursividade própria. Mais uma vez, é um coro de vozes, entregues a uma dinâmica só aparentemente dialógica, quem nos conta estas histórias terríveis: em *Contra a parede*, quatro narradores, com um estatuto equívoco (argumentistas?, actores?, investigadores policiais? testemunhas?), parecem querer recuperar a memória difusa da história de um homem perfeitamente "normal" que subitamente mergulhou na loucura e se entregou ao mais horrendo e abominável dos crimes, o assassinio de crianças; em *Menos emergências*, três vozes ensaiam a cínica e distópica antevisão de um mundo futuro perfeito, automatizado, limpo e luminoso, livre de todas as ameaças que nos atormentam.

Em cada um dos casos, estas vozes parecem condenadas a buscar a palavra certa, a expressão mais justa para nos relatar o que aconteceu e como aconteceu, numa extraordinária demonstração dos esforços do seu autor em encontrar, também ele, um discurso dramático para nos falar do nosso mundo. Tal como já acontecia em *(A)tentados*, esta estratégia de hipóteses e hesitações mostra-se capaz de uma surpreendente flexibilidade na acomodação de registos aparentemente muito diversos, entre a mais insuportável causticidade e selvajaria e o exercício lúdico mais irrisório, entre a descrição mais objectiva e o delírio surrealista. A atitude narrativa é de questionamento e de dúvida, muito mais interrogativa do que afirmativa; o desafio proposto pela ficção é essa "reviravolta constante do alto e do baixo, do trágico e do cómico", um dos princípios sugeridos por Jean-Pierre Sarrazac para caracterizar a *rapsodização* contemporânea do teatro. No mesmo sentido vai a já referida coralidade, que traduz justamente um questionamento da concepção do microcosmo dramático, do estatuto da personagem e da dialéctica do diálogo. Será esta proposta de "teatro para um mundo no qual o próprio teatro morreu", como arriscava uma das vozes de *(A)tentados*, uma recusa do dramático enquanto instrumento e possibilidade? Ou não será antes, para continuar com Sarrazac, "um espaço de tensões, de linhas de fuga, de *transbordamentos*", que busca no desvio e na variação as possibilidades de evolução de uma escrita específica para teatro?

Após um ciclo de monólogos, dominados por personagens que tão intensa e obsessivamente se diziam, acreditando na verdade e na eficácia desse dizerem-se, estas duas curtas peças de Martin Crimp permitem o regresso dos criadores e intérpretes da ASSÉDIO à problematização da relação do espectador com a fábula dramática que lhe é oferecida, razão primeira da existência e do funcionamento desta companhia. Na perspectiva mais egoísta da criação cénica, estas mais recentes ficções do dramaturgo britânico lançam inquietantes desafios à sua figuração: como criar espaço e ressonância para este exercício de aparente não-teatro, assegurando-lhe, mais do que a viabilidade, a sua extrema pertinência e acuidade? Como garantir o efeito de "absoluta totalidade" e a "profundamente credível tridimensionalidade" tão

esmagadoramente sugerida por este coro anónimo de vozes? Como assegurar, a nível da experiência cénica, a fulminante intensidade que vislumbramos nestas duas breves histórias tão assombradas pela morte? Porque, embora não exista nenhuma *história* para contar, nem personagens, pelo menos não num sentido convencional, "isso não quer dizer que não seja necessária alguma habilidade. Uma vez que nós continuamos a precisar de sentir que aquilo que vemos é real. Não é só representação. É de facto mais exactidão do que representação – pela simples razão de que está realmente a acontecer" (Martin Crimp, *(A)tentados*).

Martin Crimp nasceu a 14 de Fevereiro de 1956, em Dartford, Inglaterra. Concluiu os seus estudos em Literatura Inglesa, na Universidade de Cambridge, em 1978. Foi dramaturgo residente no Orange Tree Theatre, em 1988, e no Royal Court Theatre, em 1997. É autor de mais de uma dezena de peças originais: *Living Remains* (1982), *Four Attempted Acts* (1984), *A Variety of Death-Defying Acts* (1985), *Definitely the Bahamas* (1986), *Dealing with Clair* (1988), *Play with Repeats* (1989), *No One Sees the Video* (1990), *Getting Attention* (1991), *The Treatment* (1993), *Attempts on Her Life* (1997), *The Country* (2000), *Fewer Emergencies* (2001), e *Face to the Wall* (2002). Tem sido igualmente responsável pela tradução e/ou adaptação de peças de Molière, Marivaux, Ionesco, Genet, Koltès e Sófocles: *The Misanthrope* (1996), *The Triumph of Love* (1999) e *The False Servant* (2004), *The Chairs* (1997), *The Maids* (1999), *Roberto Zucco* (1997), *Cruel and Tender* (2004, a partir de *As Traquínias*); a que se acrescenta ainda a versão inglesa do libreto de Victor Léon e Leo Stein para a ópera de Franz Léhar, *A Viúva Alegre* (2000). Publicou dois textos de ficção: "Stage Kiss" (1990) e "Four Imaginary Characters" (2000).

Em Portugal, a ASSÉDIO já encenou três dos seus textos: *Peça com repetições*, em 1999, *(A)tentados*, em 2000 e 2003, e *No campo*, em 2003.

Sinopse

Contra a parede (*Face to the Wall*, 2002) e *Menos emergências* (*Fewer Emergencies*, 2001), de Martin Crimp, constituem uma espécie de díptico sobre a violência e a desolação, um tema amplamente explorado em anteriores trabalhos da ASSÉDIO. Com uma lucidez cruel e um humor devastador, simultaneamente lúdicas e trágicas, estas duas breves peças oferecem-se como uma dupla possibilidade de abordagem da complexidade do mundo contemporâneo. *Contra a parede* parece recuperar uma memória difusa, a de um homem perfeitamente "normal" que mergulha na loucura e se entrega ao mais abominável dos crimes: o assassinio de crianças. *Menos emergências* prolonga a cínica e distópica antevisão de um mundo futuro perfeito. Embora ficções autónomas, as duas peças partilham métodos de composição e de funcionamento dramaturgicamente semelhantes, apostando num tão fascinante como desafiador esbatimento das fronteiras entre representação e narração, um outro território familiar nos trabalhos desta companhia.

Algodão doce

João Cardoso

Tal como já acontecia com as 17 cenas de *(A)tentados*, estes dois pequenos textos de Martin Crimp surgem nas mãos dos actores e do encenador como mais dois "argumentos" para teatro.

A proposta de trabalho foi a de encarmosmos estes dois fragmentos dramáticos como mais um jogo na busca das palavras exactas, da descrição do "cenário" mais adequado. O esforço foi o de nos colocarmos na posição do próprio "argumentista", na sua posição simultaneamente empenhada e distanciada perante a história. E as histórias de Crimp são sempre simultaneamente lúdicas e agrestes, divertidas e perturbadoras.

Os actores são aqui chamados não a encarnar as tradicionais personagens motoras da acção e a (re)viver os seus dramas, mas antes a narrar as suas "façanhas"; não a tomar partido por este ou aquele, mas a manter como que uma "frívola" distância do que nos contam, contornando os variados "sensacionalismos" que dominam a nossa percepção da realidade.

Em *Contra a parede*, optámos por uma espécie de cenário televisivo. Os painéis do cenário servem de superfície de projecção. Os actores têm microfones de mão e surgem como que diminuídos na sua tridimensionalidade, apresentados como vozes enunciadoras de uma determinada acção. A presença do quarto intérprete através das possibilidades oferecidas pelo vídeo sublinha a estratégia seguida.

Em *Menos emergências*, a situação desenhada é a de uma espécie de paraíso *kitsch*, de um sonho cor-de-rosa, que acreditamos possa servir como contraste irónico à perturbadora realidade transportada pelos três intérpretes.

Agradecimentos

Ana Margarida Vaz
António Durães
Cristina Costa
João Pedro Vaz
Manuela Ferreira
Paulo Cardoso
Rute Pimenta
Sérgio Pinto,
Susana Menezes

Pedras e Pêssegos